

O canto das entranhas

Tarik de Souza

Opa s em depressão volta-se para as próprias entranhas. Iniciando com o arraso *Pawaqiatama* da novela *Pantanal*, Milton Nascimento desentoca seu projeto amazônico, o LP *Trai*. O atual narrador indigenista do cantor e compositor nada tem com a onda "verde" que assola o planeta — e na ribeira como sempre, o Brasil. A questão dos índios e da ecologia lateja na discografia de Milton Nascimento desde os primórdios (a saga dos *Ava-Canoéiro* está entre seus hits), alternada com a latinidade *San Vicente*, *Dos crucis* e a negritude (*Raça*, *Cinco na imbué-do*). Numa definição épica *Trai* é a *Missa dos Quilombos* [32] dos Povos da Floresta, alternando melodias do compositor com "inheas gravadas das músicas dos povos Kayapó do A-Ukre (Pará), Paite (Rondônia) e Waiápi (Amazônia). Há ainda uma mensagem ecológica em inglês lida pelo ator River Phoenix na faixa *Curí curí* sobre "livre interpretação de Mauna do Médio Tsaqu Waiápi". Mas a ponte entre o pós-pop e o pré-civilizado é fincada pela dupla folclórica Ceitor-Villa Lobos e Roquette Pinto em *Nozani Na*, em idioma dos Umanaré. Trata-se de peça de estimulação das aulas de canto brésilico a era getulista, reeditada no disco em duo de Milton com Marli Miranda.

Para esta superprodução, Milton subiu o Rio Juruá. O périplo seguiu por canoa, com direito a pernoite nas casas dos ribeirinhos, onde Milton, na qualidade de "cantor famoso" anunciado pela Rádio

Floresta, foi presenteado com frutas e peixes da região, além de incorporar a seu vocabulário a palavra *Trai* dos índios Kaxinawa. No Acre, é o tratamento de respeito e carinho de índios, seringueiros e ribeirinhos, utilizado no sentido de "companheiro, metade de mim". Virou título do disco.

A gravação abre com um vocalise de Milton bailando como flautista, em diáfano falsete, enquanto rola um discurso Yanomani do índio Davi Kopenawa contra os brancos. A partir da faixa-título estabelece-se o plano de navegação do compositor, que assina a direção musical. Flei à sua base no telúrico cantochão de Minas, Milton tece melodias leves sobre a argamassa rítmica da família Silva (o pai Robertinho e os filhos Vanderlei e Ronaldo) juncada de congas, agogô, requerês, *cow bells*, afoxé, *caxixi*, *talk drum*, moringa, cabaça, tambor soprado, queixada, bumbo, guizos e maracas. Há exceções como os tambores kalimba tripulados por Ricardo Leão na faixa de trabalho, *Coisas da vida*, já transformada em clipe. O resultado deste contraponto, mediado por blocos de cordas (oito violinos, três cellos, três violas) combina solenidade e rudeza. Patina na calmaria de *Benke*. Em compensação, alça voo no sanfonado *Sertão das águas* (entre o cateretê, a congada e o baião), no tribal *Que virá desta escuridão* e, especialmente na obra-prima, *A 3ª margem do rio*, com uma letra de Caetano Veloso entre Guimarães Rosa e João Cabral: "Água da palavra/ água calada pura... hora da palavra/ quando não se diz nada." Cada sertão tem as veredas que merece.